



O CONTADOR DE MENTIRAS: XILOGRAVURAS DE J. BORGES: HISTÓRIAS, EXPOSIÇÕES E PUBLICAÇÕES (1980 A 1999)

Helena Ferreira Maia

Graduanda em História (UNICAP)

helen.a.2020200303@unicap.br

RESUMO: A presente artigo objetiva apresentar resultados finais do Projeto de Pesquisa realizado no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científicas (PIBIC – UNICAP/FASA), intitulado como “Xilogravuras de J. Borges: histórias, exposições e publicações (1989 a 1999)”. A pesquisa se constituiu por meio de análise documental e qualitativa, realizada por meio do mapeamento de catálogos de exposições e publicações sobre a participação do artista, de modo coletivo ou individual, em exposições, entre 1980 e 1999. Os acervos digitais selecionados para a realização da pesquisa foram Hemeroteca Digital (BNDigital), por meio de busca no acervo do periódico Diário de Pernambuco. O mapeamento do site “Enciclopédia Itaú Cultural” serviu de ponto de partida para a construção de uma linha do tempo das exposições. O material catalogado, na fase inicial da pesquisa foi analisado de acordo com os seguintes indicadores: tipo de exposição, local, obra expostas, etc. Nesta proposta visa examinar as relações entre as exposições e as participações do artista dentro do recorte temporal pesquisado, juntamente com a análise da obra de Antônio Augusto Arantes, o trabalho e a fala: um estudo antropológico sobre folhetos de cordéis.

Palavras-Chave: Exposições; Folhetos; Xilogravura.

Introdução

“Artista, poeta e xilogravador”. É assim que consta intituladas em inúmeras capas de matérias de folhetos de jornais, quando é referido ao artista bezerrense José Francisco Borges, rubricado em suas obras como J. Borges. Artista nacional, natural do agreste pernambucano no município de Bezerros, filhos de agricultores, começa sua trajetória profissional nas feiras e mercados locais como vendedor de folhetos (livretos de cordéis) utilizando como estratégia de marketing a cantoria, encenando para um grupo de pessoas que é reunido a medida que o folheteiro¹ começa sua propaganda, prática essa reproduzida mediante a observação dos folheteiros locais, onde a poesia se torna uma mercadoria.

“Em meu contato com folheteiro e poesia, dei-me conta de que, sem exceção, todos eram ‘matutos’, tal como seu público. Nasceram no campo, foram criados como ‘tabarés’, trabalham com seus pais na roça e muitas vezes como assalariados na agricultura comercial. Com esse passado, migram para cidades onde geralmente se tornaram mascastes, depois folheteiros, poetas e, alguns deles, finalmente editores” (Arantes, 1983, p. 37).

Partindo de um viés antropológico é capaz de ser observado dois aspectos para o estudo de casos, a questão econômica e comercial e a questão de comportamento social, através da comunicação. Na tentativa da busca pelo universo do cordel, J. Borges até então José Francisco Borges, pois é reconhecido pelo seu nome artístico por meio das suas xilogravuras, em 1965 concebeu e publicou "O verdadeiro aviso de Frei Damião sobre os castigos que vem" e nela consta sua primeira xilogravura². Traçando um importante marco dentro da cultura popular, ganhando notoriedade pela imprensa nacional, tomando posse de alguns prêmios, honras acadêmicas e participações em exposições³, J. Borges constrói sua solidificada carreira através da poesia de cordel recitada e posteriormente sua produção acelerada de xilogravuras, talhada na madeira e impressa no papel. Em 2005 é reconhecido pelo título de Patrimônio Vivo, cujo direito é

¹ Ambulantes especializados nas vendas dos folhetos

² Seu primeiro folheto escolheu como escolheu como título “O encontro de dois vaqueiros no Sertão de Petrolina”, na capa foi posta uma xilogravura de autoria, Dila. No cruzamento de saberes sobre a produção e circulação dos livros-folhetos, Borges concebeu e publicou, em 1965, “O verdadeiro aviso de Frei Damião sobre os castigos que vem”. O desenho da capa, apresentava uma igreja de duas torres, constava como a primeira xilogravura do artista.

³ Essas informações estão disponibilizadas na Biblioteca da Fundarpe, documento organizado pelo artista sobre acontecimentos de sua história, produzido para submeter sua candidatura ao primeiro Edital Fundarpe Patrimônio Vivo de Pernambuco.

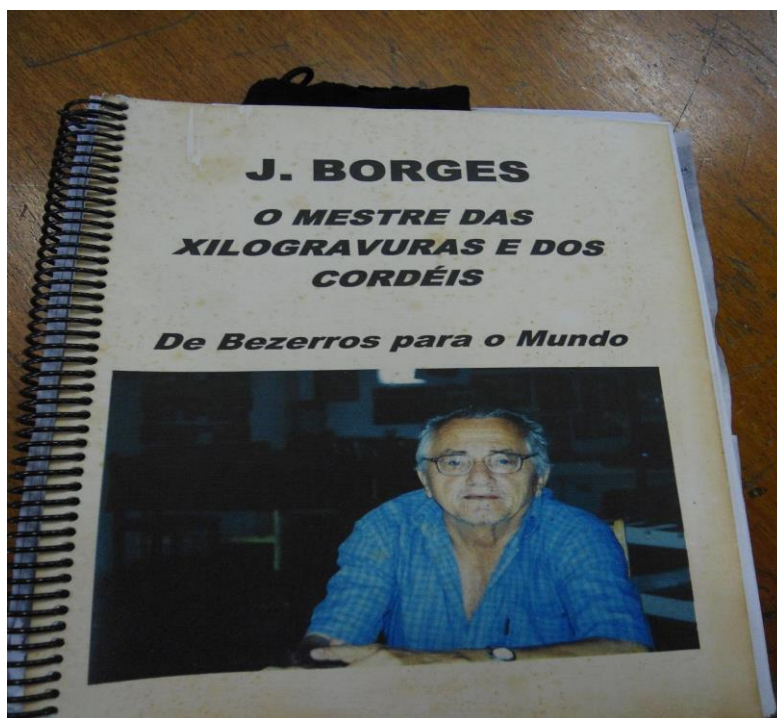
assegurado pela Lei Estadual 12.196 de 2 de maio de 2002. Para sua candidatura, foi produzido um documento, feito pelo próprio, conhecido como “currículo”, que encadeia acontecimentos importantes da sua trajetória de vida.

[...] “Dessa definição, que com pequenas diferenças tem sido adotada por todos, convém reter o dispositivo final: o livro, pela autonomia de significado, por constituir um universo de auto-suficiência, pode ser descrito a partir de um conjunto de regras gerais, sem que se leve em conta o contexto de sua produção. Ao bibliotecário cabe indicar os elementos relativos a responsabilidade, título, edição, publicação e paginação, que variam apenas quanto ao nível de pormenorização que pretende alcançar. E a partir desse conjunto de indicações, e também dos componentes que articulam o texto central, poderá ele classificar a obra como pertencente à literatura, à literatura brasileira, à poesia, à poesia lírica e assim por diante.” (Camargo. 1998, p. 170).

Na capa, o título de mestre da xilogravura e do cordel. É necessário analisar com uma certa logística o uso de certas palavras e o porquê do seu emprego. Sua tentativa de imortalizar seu nome, ainda em vida, é expressada na capa. Ainda faz menção de suas exposições fora do território nacional, que é constado dentro do dossiê, “de Bezerras para o mundo”.

“Desde os antigos, o gênero biográfico conformou-se em uma série de discursos narrativos consagrados a busca de tornar presente a trajetória passada de um indivíduo, figurar no instante o remoto e o desejo de imortalizar o personagem.” (Avelar, 2012, p. 63).

Figura 01 - Capa do Curriculum



Fonte: Silva.

Suas artes brincam com o imaginário do homem sertanejo, repleta de ícones e símbolo da cultura nordestina como uma representação do cotidiano. A narrativa construída pelos poetas e expressas seja na escrita, ou por meio da iconografia, conecta com o leitor por meio de uma identificação da sua realidade.

Aportes metodológicos na construção de folhetos

Segundo Arantes (1982) a necessidade de venda imediata dos livretos, se faz necessário visto que, muitos dos folheteiros precisam de incentivo financeiro para conseguir bancar os gastos das viagens, já que viajam de cidade para cidades com objetivo de vendê-los nas feiras locais de cada município dos Estados vizinhos.

[...] “os poetas precisam estar em contato com um grande número de folheteiros, de forma que os folhetos possam ser vendidos suficientemente rápido para que o investimento dê lucro, o que aliás nem sempre acontece. Esta é uma das razões

por que os primeiros folhetos impressos pelos poetas são, em geral, “folhetos de época”, “orações” ou “profecias” [...] (ARANTES, 1982, p. 28.)

e autor acrescenta:

[...] “os primeiros folhetos impressos pelos poetas são, em geral, ‘folhetos de época’, ‘orações’ ou ‘profecias’, escritos especialmente para romarias e festas ou por ocasião de algum acontecimento de grande impacto. Esse tipo de folheto é vendido rapidamente e a necessidade de viajar de cidade em cidade é menor.”

Figura 02 - Nordeste: Cordel, Repente e Canção.



Fonte: Borges, 1975.

A xilogravura feita originalmente sob encomenda para uma gravadora que pretendia lançar um álbum de discos com tema “literatura de cordel”, essa gravura, segundo Borges é dividida em três momentos: inferior, centro e superior. Na parte superior, estão representadas duas “cenas”: 1) cantoria de violeiros; 2) dois emboladores.

Na parte do centro, estão representadas em “temas” ou “assuntos” de poesia, as figuras representam 3) amor; 4) religião; 5) sofrimento; 6) valentia; 7) morte. Na parte superior estão os “folhetos”, 8) cangaceiro; 9) a seca no sertão; 10) satanás perdido no deserto; 11) a mulher vampiro; 12) uma estória de amor; 13) o pinto pelado; 14) a mulher que virou cobra.

“Essa concepção construída por Borges estabelecia correlações com a concepção Armorial das chamadas origens da literatura de folhetos, sintetizada por Suassuna na expressão Romanceiro Popular do Nordeste. Nesse sentido, as referências armoriais aparecem tanto no documentário de Quaresma quanto na xilogravura de Borges. Cada um narrou à sua maneira embora partilhassem as mesmas referências teóricas”. (Silva, 2015. p. 235)

Para Ricoeur (2007), existem três momentos importantes para a metodologia de pesquisa e produção de um texto. A primeira é i) fase documental, que abarca a declaração das testemunhas e a constituição dos arquivos; ii) segunda é a fase explicativa/compreensiva, que envolve a complexidade do problema histórico; iii) terceira é a fase representativa, que compreende a elaboração literária ou escrita do texto que se apresenta aos leitores. (Silva, 2022)

Dizeres sobre o mapeamento de exposições

Para a catalogação de imagens, traçado uma linha do tempo, dentro do recorte temporal e analisando os casos.

“A conclusão retirada da experiência e da análise mostra as duas funções básicas do catálogo: 1 — determinação precisa e rápida se um determinado item, conhecido por autor ou título, existe na coleção e onde pode ser encontrado; 2 — que materiais existem na biblioteca de determinado assunto e onde podem ser encontrado”(Fiuza, 1985, p. 261.

Neste sentido, a partir do mapeamento de notícias das obras de J. Borges e suas exposições durante as décadas de 80 e 90, é feita uma observação de técnicas utilizadas pelos artistas como forma de entender a funcionalidade da vivência humana com intuito de demonstrar em suas obras esses comportamentos humanos, apropriando-se de símbolos que são fontes de estudos antropológicos.

“O Nordeste e o nordestino miserável, seja na mídia ou fora dela, não são produtos de um desvio de olhar ou fala, de um desvio no funcionamento do

sistema de poder, mas inerentes a este sistema de forças e dele constitutivo. O próprio Nordeste e os nordestinos são invenção destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondente” (Albuquerque, 2011, p. 31)

e ainda acrescenta:

“Estas linguagens não apenas representam o real, mas instituem reais. Os discursos não se enunciam, a partir de um espaço objetivamente determinado do exterior, são eles próprios que inscrevem seus espaços, que os produzem e os pressupõem para se legitimarem. O discurso regionalista não é emitido, a partir de uma região objetivamente exterior a si, é na sua própria locução que esta região é encenada, produzida e pressuposta” (Albuquerque, 2011, p. 34).

Seguindo pelo pensamento de Albuquerque, defende toda a cultura associada à imagem do nordeste que temos hoje faz parte de um jogo de poder que usa de vários elementos para criar um cenário que favorece interesses particulares.

Considerações Finais

A pesquisa realizada encontra-se em andamento, visto que esse trabalho é resultado da primeira fase da pesquisa. Para sua análise e compreensão, dentro da história visual, teóricos como Paulo Knauss e Ulpiano Meneses. Neste sentido, a história visual vem crescendo relativamente durante a segunda metade do século XX e também os estudos sobre estas fontes historiográficas vem ganhando bastante notoriedade. A partir do mapeamento de notícias das obras de J. Borges e suas exposições durante as décadas de 80 e 90, é feita uma observação de técnicas utilizadas pelos artistas como forma de entender a funcionalidade da vivência humana com intuito de demonstrar em suas obras esses comportamentos humanos, apropriando-se de símbolos que são fontes de estudos antropológicos. Para além disso, embasamentos teóricos foram essenciais para a composição desse trabalho, como a análise da escrita de Antônio Arantes, no livro *O trabalho e a Fala: um estudo antropológico sobre os folhetos de cordéis*. A compreensão da funcionalidade da circulação dos folhetos de cordéis, a tática da propaganda para a venda imediata do produto e também o início das primeiras xilogravuras do artista como obras.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A feira dos mitos: a fabricação do folclore e a cultura popular: Nordeste 1920-1950**. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Um morto vestido para um ato inaugural: procedimentos históricos de fabricação do folclore e/ou da cultura popular**. São Paulo: Intermeios, 2013b.

ARANTES, Antonio Augusto. **O trabalho e a fala: estudo antropológico sobre os folhetos de cordel**. São Paulo: Kairós/Funcamp, 1982.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAXANDALL, Michael. **O olhar renascente: pintura e experiência social na Itália da Renascença**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORGES, José Francisco. **J. Borges por J. Borges: gravura e cordel do Brasil**. Organização de Clodo Ferreira. Prefácio de Vladimir Carvalho. Versão para o inglês de Cynthia Ann Bell dos Santos. Brasília: Ed. da UnB, 2006.

BORGES, José Francisco. **Poesia e gravura de J. Borges**. Organização de Silvia Rodrigues Coimbra, Recife: Ed. do Autor, 1993.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **Contribuição para uma abordagem diplomática dos arquivos pessoais**. Revista Estudos Históricos, v. 11, n. 21, p. 169-174, 1998.

CASTILLO TRONCOSO, Alberto del. **La memoria histórica y los usos de la imagen**. História Oral, v. 13, n. 1, p. 87-101, jan.-jun. 2010.

CASTILLO TRONCOSO, Alberto del. **Conceptos, imágenes y representaciones de La ninez em La ciudad de México (1880-1920)**. México: El Colegio de México/Instituto de Investigaciones Doctor José Maria Luis Mora, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos**. Porto Alegre: Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002a.

CHARTIER, Roger. **Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna séculos XVI-XVIII**. Tradução de Bruno Feitler. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002b.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII**. Tradução de Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Unesp, 2007.

CYPRIANO, Fabio; OLIVEIRA, Mirtes Marins de (orgs). **História das exposições: casos exemplares**. São Paulo: EDUC, 2016. (Recurso online)

GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. Tradução de Eric Nepomuceno. Ilustrações: J. Borges. Porto Alegre: L&PM, 2007.

GRIMM, Jacob. **Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos (1812-1815)**. Tradução de Cristine Rohrig. Ilustrações: J. Borges. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Historiografia, diversidade e história oral: questões metodológicas**. In: LAVERDI, Robson et al. *História oral, desigualdades e diferenças*. Santa Catarina: Ed. da UFSC; Recife: EDUFPE, 2011. p. 15-37.

HUNT, Lynn et al. **A nova história cultural**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: M. Fontes, 2001.

KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual**. In: *ArtCultura*, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LIMA, Joana d’Arc de Sousa. **Cartografias das artes plásticas no Recife dos anos 1980: deslocamentos poéticos entre as tradições e o novo**. 2011. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografia**. Niterói: Editora da UFF, 2008.

MAUAD, Ana Maria. **O olhar engajado: fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual**. In: *ArtCultura*, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 33-50, jan.-jun. 2008.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. **Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares**. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-45, 2003.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.

SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes. **Dimensões historiográficas da virada visual ou o que pode fazer o historiador quando faz histórias com imagens?** *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 11, n. 28, p. 402 - 444, set./dez. 2019.

SILVA, Jaílson Pereira da. Pílulas de um minuto: história e cotidiano nas publicidades das décadas de 1960-80. 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

SILVA, Maria do Rosário da. Folhetos e xilogravuras: imagens, textos, conversas. In: Rosilene Alves de Melo. (Org.). Literatura de cordel, conceitos, pesquisa, abordagens. 1ed. São Paulo: Paco Editorial, 2021, v. 84, p. 25-43.

SILVA, Maria do Rosário da. **Cruzamentos narrativos: escritos sobre a noção de cultura popular.** HISTÓRIA UNICAP, v. 7, p. 214-229, 2020.

SILVA, Maria do Rosário da. **Histórias Escritas na Madeira: J. Borges entre folhetos e xilogravuras na década de 1970.** 2015. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução de Alain François et al. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007.

SOUZA, Liêdo Maranhão de. **O folheto popular: sua capa e seus ilustradores.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1981. (Série Monografias, v. 20).